

Sequestrado implica Dops gaúcho

Folha de S. Paulo

FSP 30 11 78
Depoimento do garoto Camilo aponta conivência com a polícia do Uruguai

MONTEVIDÉU — O caso do sequestro dos uruguaios em Porto Alegre, no dia 17 deste mês, ficou definitivamente esclarecido ontem, e sem nenhuma dúvida. Quando vinha da praia acompanhado de um amigo maior, calção molhado e disposto a ir logo para gol do seu time, que jogava à tarde, o filho de 8 anos de Lillian Celiberti Casariego, Camilo, contou detalhadamente todos os lances do episódio.

“Fui preso num domingo (dia 12), quando ia com um amigo de minha mãe (que pode ser Universindo Rodrigues Diaz), para assistir a um jogo de futebol do Inter e o Caxias, no estádio do Beira Rio.”

— Eram 13h30, quando foram pegos ao sair do apartamento, situado em um conjunto residencial da rua Botafogo, no bairro Menino Deus.

“Em seguida — continua Camilo — me levaram junto com a Francesca, de carro, para um quartel, onde não tinha gente fardada, só policiais sem gravata. Era na cidade, um prédio grande que ficava na frente de um riozinho com duas ruas, uma de cada lado. Ficamos lá até às 21 horas, quando começamos a viajar num carro brasileiro, acho que era branco. Viajamos naquela noite mesmo e não vi mais minha mãe.”

Na fronteira, segundo o depoimento de Camilo, as crianças foram trocadas de carro, passando para um carro uruguaio. “Ficamos numa praia em Punta Del Este, segundo me disseram. O certo é que já tínhamos passado a fronteira. Quem nos prendeu foram os brasileiros, mas havia junto dois



O garoto Camilo, filho da uruguaia Lillian Celiberti, sequestrado em Porto Alegre, diz que foi apanhado quando ia ver um jogo de futebol.

uruguaios, pelo menos falavam castelhano”.

Os fatos contados pelo menino não deixam dúvidas quanto ao local a que foram levados, ainda em Porto Alegre, na tarde do dia 12: o prédio grande e cinzento onde funciona o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), da Secretaria de Segurança Pública do Estado, situado num dos mais

movimentados cruzamentos de Porto Alegre: a esquina das avenidas Ipiranga, (a rua do riacho descrita por Camilo) com João Pessoa.

Seu depoimento confirma também a ordem e reconstituição dos acontecimentos feita pela imprensa de Porto Alegre. As crianças sumiram quase uma semana antes, pois o dia 10 foi o último em que compareceram à escola, de acordo com depoimento

das professoras e colegas. E Lillian Celiberti foi sequestrada na sexta-feira, 17, talvez pelos mesmos policiais surpreendidos pelos jornalistas que foram até o apartamento conferir a denúncia de que o casal uruguaio desaparecera há uma semana.

O depoimento do menino Camilo confirma também a participação da polícia uruguaia, ao mesmo tempo em

que desmente a nota oficial do governo uruguaio segundo a qual Lillian Celiberti e Universindo foram presos ao penetrar espontaneamente em território uruguaio.

Para a família de Lillian Celiberti, a situação é de expectativa e insegurança. Dona Lillian Terron, sua mãe, vai todas as manhãs à Central das Forças Armadas e não obtém uma informação sequer. Lillian e Universindo estão “incomunicáveis e em local ignorado”.

A população uruguaia permanece sem saber de nada, e só toma conhecimento dos fatos por notas oficiais. Os jornais locais estão violentamente censurados os do Brasil são logo apreendidos se trazem notícias sobre o caso. Assim, como Lillian, pelo menos outras 30 pessoas desapareceram no Uruguai e Argentina desde setembro último, quando as forças policiais e militares dos dois países montaram operação conjunta para prender dissidentes do regime. Essas denúncias foram feitas por várias famílias uruguaias que enfrentam a mesma situação da família Celiberti.

É o caso de Laura Sanches, que teve sua filha, Ana Maria, de 24 anos, presa no centro de Buenos Aires e de quem não teve mais notícias. Com Laura Sanches estão os filhos de Ana Maria: Herman (de seis anos) e Iara (de três). Como dona Lillian, ela comparece diariamente à Central das Forças Armadas, mas até hoje não obteve nenhuma informação sobre a filha desaparecida na capital argentina.

Em julho do ano passado, a Venezuela rompeu relações diplomáticas com o Uruguai depois que a polícia desse país invadiu a embaixada venezuelana em Montevidéu para tirar a força, de lá, Helena Quinteros, refugiada. Até hoje não há qualquer notícia de Helena.

Em Porto Alegre o advogado Omar Ferri, contratado pela família de Lillian Celiberti para tratar do caso, manteve um contato telefônico com a mãe da sequestrada, dona Lillian. Embora demonstrando nervosismo, finalmente contou que sua filha, os netos Francesca e Camilo e Universindo foram todos detidos pelos sequestradores no dia 12, domingo.

As crianças, porém — segundo dona Lillian —, foram imediatamente recambiadas para o Uruguai (Punta Del Leste), permanecendo com os sequestradores. Esta revelação de dona Lillian confirma o depoimento dado pelo garoto Camilo. Justifica ainda, o fato de Lillian Celiberti ter sido vista saindo sozinha de casa na quinta-feira, dia 16. A posse dos filhos deixava os sequestradores plenamente à vontade em relação à prisioneira. Lillian Celiberti e Universindo Diaz ficaram detidos no apartamento até sexta-feira, 17. Segundo versões que circulam em Porto Alegre, a intenção dos sequestradores era esperar algum outro contato de uruguaios exilados, que estranhassem o desaparecimento dos companheiros.